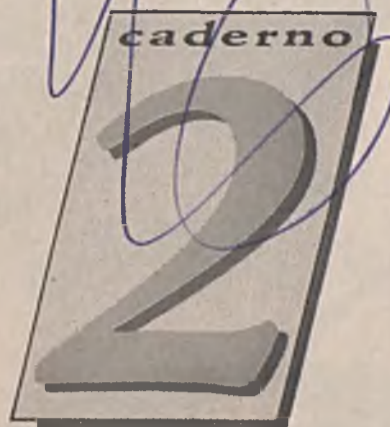


Cada cultura no seu galho



Montada a nova estrutura administrativa da Secretaria de Cultura, Laís Aderne promete empossar o Conselho eleito pela comunidade e garante deixar a máquina pronta para a ação. Convênio da 508 Sul vai ser assinado amanhã.

Geraldinho Vieira

Editor do Caderno 2

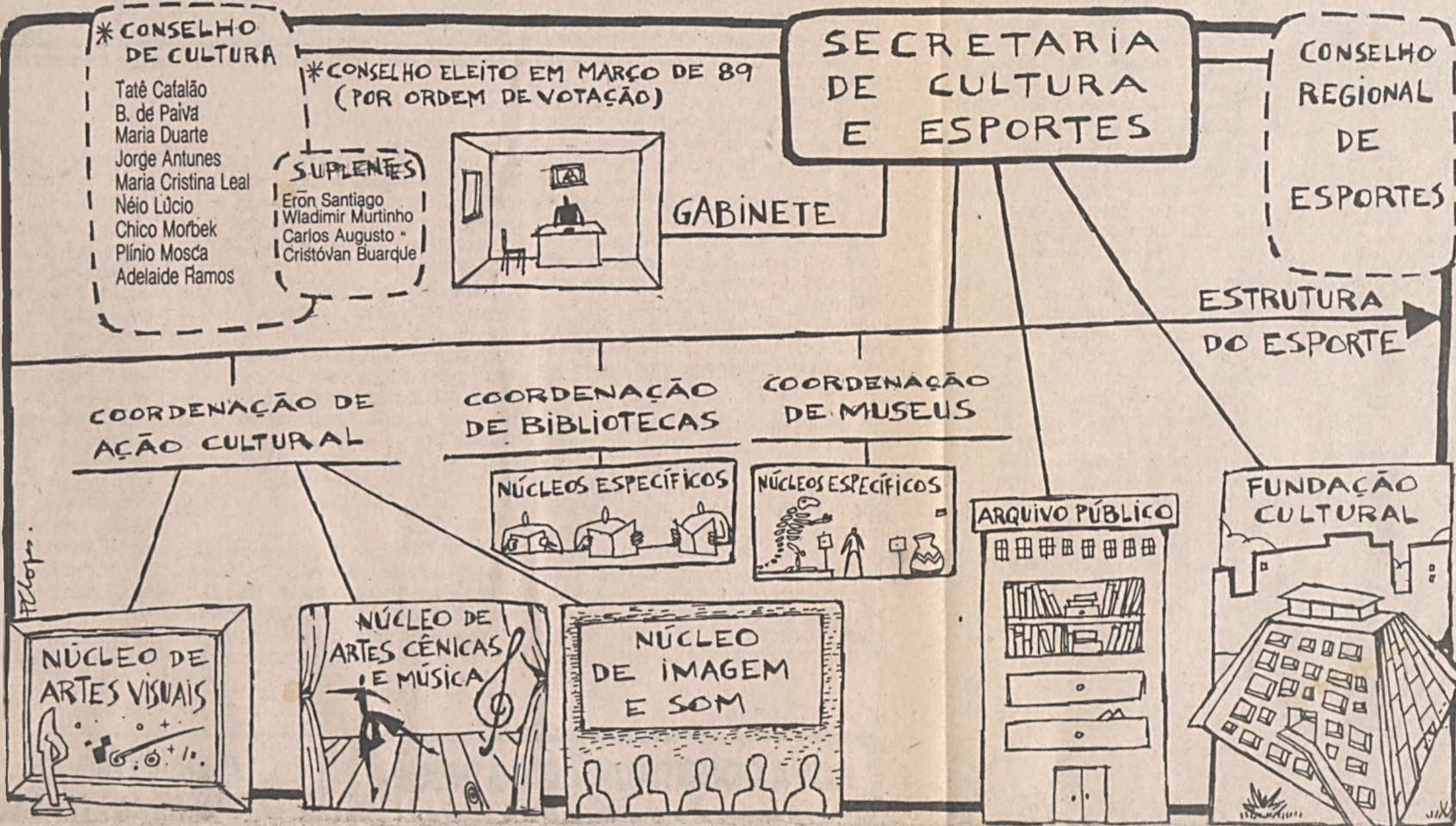
Se depender dos esforços técnico-burocráticos da equipe de apoio da Secretaria de Cultura e da vontade política da secretária Laís Aderne, antes mesmo do carnaval a cidade entra em trabalho de parto. Um sonho de muitos anos pode se viabilizar no início de fevereiro, com uma convocação para que artistas e "fazedores da cultura local" empossassem as pessoas que irão compor o Conselho de Cultura do Distrito Federal. Elas foram eleitas no ano passado em seminário que reuniu a classe (ver quadro).

"O Conselho que estamos propondo ao GDF — garante a secretária — tem o modelo e os nomes propostos pela comunidade, mas pode até mesmo ampliar-se, com eleição de mais integrantes. Qualquer que seja o resultado dos estudos técnicos para esta formação, vamos manter a proporção indicada pela classe, onde a maioria absoluta dos integrantes é eleita pela cidade, e parte menor será de representantes indicados pelo próprio governo".

Braços fortes

Como está acontecendo com todas as outras Secretarias do GDF, uma comissão diretamente ligada ao governador Joaquim Roriz (para análise de reestruturação da máquina oficial) receberá até o final desta semana proposta detalhada para um novo organograma de cargos e funções da Secretaria de Cultura e Esportes. Este trabalho, que requer detalhado aprofundamento técnico, vem sendo realizado para a Secretaria pela pedagoga (com especialização em recursos humanos e administração), professora Miriam Millo, e equipe. Nos últimos meses foi feita uma revisão em todos os quadros da estrutura administrativa da cultura local, ouvidas experiências de órgãos afins da esfera federal e de secretarias de outros estados, sobretudo aquelas que têm traçado um caminho mais democrático nas decisões e de maior agilidade na atuação.

A administração das questões ligadas ao esporte (desde outubro parte da mesma estrutura) tem forte autonomia, inclusive quanto à captação de recursos, e não assusta a secretária Laís Aderne: "Quando fui empossada a união das duas áreas já estava estabelecida, porque a Secretaria de Planejamento procurou evitar a vinculação do esporte com a Educação por ser a última uma máquina já grande demais e com problemas de ordem absolutamente prioritária para a



cidade. Cultura e Esportes estão administrativamente juntas por uma simples questão de ajuste das estruturas administrativas, mas a união não representa a criação de um elefante branco com interesses práticos distintos".

Se a maior novidade no organograma a ser ainda aprovado pelo GDF é a criação efetiva do Conselho de Cultura, outras estruturas estão também criadas (ver quadro). Na área denominada "Coordenação de Ação Cultural", aparecem núcleos para artes visuais, artes cênicas, música, imagem e som. Da mesma maneira, cria-se a "Coordenação de Bibliotecas" (área que ganhou destaque na curta administração de um ano e dois meses de Laís Aderne), com núcleos para coordenação do sistema, para a dinamização das atividades e para trabalho junto às bibliotecas públicas. Igualmente, nasce a "Coordenação de Museus", com núcleos para comunicação, projeto e pesquisa, apoio técnico.

Não é preciso muito esforço para perceber que o novo organograma descentraliza, finalmente, as decisões oficiais; e também finalmente di-

minui os poderes (sempre sob o risco do despotismo) tanto da figura do secretário de Cultura quanto do diretor executivo da Fundação Cultural. Divergências administrativas entre estes setores e ideológicas entre os nomes que ocuparam estes cargos ao longo de nossa história sempre foram responsáveis pela absoluta descontinuidade dos projetos na área.

Linha política

Preocupada em deixar pronto para o próximo governo uma estrutura convincente e capaz de pleitear a necessidade de continuidade, Laís Aderne define as funções da nova estrutura: "O Conselho legisla, aprova, fiscaliza e garante a implementação de uma política de cultura. A Secretaria desenvolve os programas, elabora as linhas de ação norteadas pela política ditada pelo Conselho, dando-lhe respaldo técnico. A Fundação Cultural, com assessorias recriadas (elas foram dinamitadas pelo maestro que desafiou os instrumentos de ação cultural da cidade), faz o contato direto com a comunidade, diagnostica intenções e desejos, faz o trabalho na rua".

Depois de um ano à frente da Secretaria de Cultura, Laís Aderne compreende que a comunidade artística possa queixar-se de ações mais explícitas na área cultural, ações que não mereceram mais de 20% da atenção e dos esforços de sua equipe. Aconteceram o Festival Latino-Americano (Flaac); o Festival de Cinema; e pequeno apoio a eventos sem grande custo. "Foi um período — diz Laís — em que fomos obrigados a dar prioridade à arrumação da casa. Com as estruturas políticas e administrativas que encontramos seria impossível fazer no presente ou no futuro qualquer ação de caráter mais próximo ao que ideologicamente nossa equipe e a cidade pretendem ver acontecendo. As estruturas físicas das salas estavam abaladas, as funções administrativas sobrepostas e sempre favorecendo a discórdias e divergências de interesses, os funcionários — sem plano de carreira e sem aperfeiçoamento técnico — insatisfeitos. Decidimos complementar o diagnóstico iniciado pelos seminários que reuniram a comunidade e vamos chegar ao final deste governo com um mapeamento profundo de todas as nos-

sas estruturas, com boa parte delas pronta para funcionamento e com orçamentos e organogramas de trabalhos pormenorizados. Reestruturamos a administração dos museus e das bibliotecas e nas cidades-satélites, onde a comunidade caminhava com suas próprias pernas, foi possível acrescentar novas estruturas a seus trabalhos, como por exemplo em Planaltina. A ideia das Casas de Cultura irá se desenvolver no próximo governo, mas estamos deixando algumas possibilidades concretas em termos de espaços físicos disponíveis. Taguatinga e Ceilândia eram, neste sentido, um grande desafio; mas embora tenhamos recebido muitas queixas, estas comunidades não tiveram vontade de organização o suficiente para que elas próprias desencadeassem este processo. As Casas de Cultura são um espaço mais conceitual que físico. Não tínhamos intenção de fazer uma administração cheia de inaugurações apoteóticas. Não queríamos dar "curativos" à cidade: vamos entregar estruturas que, aí sim, poderão ser utilizadas para que a cidade passe a ter e fazer o que sempre quis".

Um caso com japoneses vence o descaso



508 Sul: enflm refelra

Chegam amanhã a Brasília para assinatura do convênio de reforma do complexo cultural da 508 Sul, os representantes da Fundação Mokiti Okada do Brasil. O convênio deverá ser assinado no gabinete do governador Joaquim Roriz, pelo próprio governador, a secretária de Cultura e os presidentes da Terracap e da Novacap. Do lado japonês assinarão o presidente da Fundação no Brasil — Noburo Kambe —, o engenheiro Angelo Tomachio, o assessor de comunicação Eduardo de Godoi Figueiredo e o secretário-geral da MOA no Brasil, Jonas.

A assinatura do convênio, e a consequente reforma do "coração cultural da cidade, é uma conquista da comunidade da equipe de planejamento e marketing da Secretaria de Cultura (dirigida por Wagner Barja) e da imprensa local. Contou com o apoio técnico e logístico do embaixador Wladimir Murtinho, ex-secretário de Educação do DF (de 1975 a 79) e hoje diretor da Fundação Nacional Pró-Leitura. É, por outro lado, um caso do descaso da iniciativa privada local. Wagner Barja, da Secretaria de Cultura, defende que a comunidade sai fortalecida porque demonstrou vontade prática e política além de capacidade de reivindicação; e acredita que no episódio 508 Sul a cidade acaba de encontrar parceiro sólido,



Wagner Barja e Miriam Millo: descascando os abacaxis da arte

uma vez que a Fundação Mokiti Okada é uma entidade internacional que sabe usar com consciência seus recursos. "É um capital internacional — diz Barja —, mas não é o capital que destrói. Trata-se de uma entidade com projetos de importância e filoso-

ficamente moderna".

Convênio
Do convênio que será assinado amanhã, o Caderno 2 do Jornal de Brasília pode adiantar suas principais cláusulas. Pelo contrato, a Fundação Mokiti Okada do Brasil

obriga-se a "doar" a reforma do conjunto cultural da 508 Sul, que inclui teatros (Galpão e Galpãozinho), galerias A e B, Praça Central, Centro de Criatividade e demais dependências, assim como reparar instalações hidráulicas, elétricas e o piso. O convênio ratifica o caráter cultural do conjunto, a ser reformado de acordo com o projeto arquitetônico apresentado pela Secretaria de Cultura e Esportes do DF.

Em contrapartida à reforma do conjunto cultural, irá obrigá-lo a Secretaria de Cultura a incluir o nome da Fundação Mokiti Okada nas obras de reformas e em toda mídia relativa à revitalização do espaço. Além de incluir as artes japonesas na programação que, uma vez concluída a reforma, irá dar vida ao conjunto que está há dois anos entregue ao acaso e ao descaso.

E por falar em descaso, a Secretaria de Cultura tem — depois da assinatura do convênio — nova preocupação: mobilizar a iniciativa privada local para aparelhar o espaço. Até agora só o Banco do Brasil mostrou-se disposto a contribuir para o processo de revitalização da 508 Sul. Os empresários da cidade precisam acordar para a importância do projeto, sob pena de ficarem marcados pela alienação e desrespeito aos anseios de sua cidade.